

# URSS destina dinheiro de armas a países pobres

O vice-diretor do Instituto de Economia Mundial e das Relações Internacionais da Academia de Ciências da União Soviética (URSS), Ivan Korolev, disse ontem que seu país está disposto a aplicar uma parte dos recursos economizados com a redução da fabricação de armamentos para ajudar a financiar o desenvolvimento em todo o mundo. «O desenvolvimento é um problema moral e também pragmático. Porque é através do desenvolvimento que poderemos estabilizar a economia mundial», afirmou.

Ele disse que o fator moral é importante na URSS, porque o país não esquece a assistência financeira que recebeu do exterior nos anos 20, quando se encontrava em dificuldades econômicas. Por outro lado, constatou, «o subdesenvolvimento não pode subverter o futuro de toda a humanidade».

## Dívida é política

Estas afirmações ele fez em entrevista coletiva à imprensa, momentos após proferir uma conferência na Assembléia Parlamentar Latino-Americana para a Dívida Externa ontem, encerrada no Auditório Petrônio Portella, no Senado, com a participação de representantes de 44 partidos políticos da América Latina. Na sua exposição, ele reconheceu que o problema da dívida externa é político e propôs a realização de uma conferência internacional, com a participação de credores e devedores, visando a encontrar uma saída para o problema.

Na discussão, ele acha que os seguintes princípios devem ser obedecidos: 1) a dívida é um problema global; 2) qualquer solução deve contemplar os interesses de ambas as partes (devedores e credores e 3) qualquer solução deve garantir o crescimento dos países credores.

## Moratória

Em exposição feita no mesmo seminário, o economista Edmar Bacha, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirmou que a moratória da dívida brasileira não teve o sucesso que dela se esperava, porque não foi colocada num contexto mais amplo. Segundo ele, deveria ter sido aproveitada para a realização de uma reforma fiscal e administrativa, de um programa mais efetivo de privatização da economia e da reestruturação da dívida.

Ele criticou a forma atual de renegociação da dívida, que, na opinião dele, é feita de forma inversa: em vez de antes se definirem as metas de crescimento da economia, em primeiro lugar se definem os recursos que o país pode obter, geralmente determinado segundo conceitos do Fundo Monetário Internacional (FMI), e depois se define o que pode fazer com o dinheiro.

## Contratos

O ex-governador de São Paulo, Franco Montoro, defendeu no seminário a tese de que a justiça deve prevalecer sobre o direito, nos contratos de empréstimo internacionais. Portanto, os contratos só devem ser cumpridos quando ao longo do seu cumprimento se mantiverem as mesmas condições de juros e de pagamento dos tomadores, verificadas quando de sua assinatura. Ele lamentou que, atualmente, os contratos são feitos ao sabor do interesse dos países credores.

Montoro advertiu que a dívida externa ameaça a democracia na América Latina. E contou que pesquisas mostram, em vários países, o crescimento da tese, de que é preferível a volta da ditadura para resolver os problemas.



Carlos Menandro

*Ulysses acha que a dívida pode levar os latinos à insolvência*